

DOSSIÊ

**OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: a necessidade da troca de experiências acadêmicas extramuros**

**PEDAGOGICAL CHALLENGES IN TIMES OF PANDEMIC: the need to exchange academic experiences outside the walls**

**DESAFÍOS PEDAGÓGICOS EN TIEMPOS DE PANDEMIA: la necesidad de intercambiar experiencias académicas fuera de los muros**

---

Manuela Hentzy de Azeredo Siqueira<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Neste artigo, propõe-se a analisar as diferenças de abordagens pedagógicas e a necessidade de adaptação das atividades presenciais para as atividades remotas no âmbito do Centro Universitário Fluminense – Uniflu. Diante das dificuldades e desafios impostos pela nova realidade, com a chegada abrupta do vírus Covid-19, as instituições educativas e os professores foram forçados a adotar práticas de ensino a distância, práticas de ensino remoto de emergência, que em muito se diferem das práticas de uma educação digital antes adotada por docentes que usavam os recursos digital e remoto como parte do processo de aprendizagem. Além disso, pretende analisar a necessidade de cooperação entre instituições e sociedade civil para atrair e envolver os alunos nos novos modelos impostos.

**Palavras-chave:** ensino remoto; pandemia; práticas pedagógicas, recursos digitais; cooperação

**ABSTRACT:**

In this article, we propose to analyze the differences in pedagogical approaches and the need to adapt face-to-face activities to remote activities within the scope of the

---

<sup>1</sup> Especialista em Recursos Humanos, Pedagoga, Psicóloga, Coordenadora e Professora dos cursos de Pedagogia, Tecnólogo em Recursos Humanos e Tecnólogo em Logística do Centro Universitário Fluminense (Uniflu). E-mail: [manuela.hentzy@uniflu.edu.br](mailto:manuela.hentzy@uniflu.edu.br).

Centro Universitário Fluminense – Uniflu. Faced with the difficulties and challenges imposed by the new reality, with the abrupt arrival of the Covid-19 virus, educational institutions and teachers were forced to adopt distance learning practices, emergency remote teaching practices, which differ greatly from the practices of a digital education previously adopted by decent people who used digital and remote resources as part of the learning process. Furthermore, it intends to analyze the need for cooperation between institutions and civil society to attract and involve students in the new imposed models.

**Keywords:** remote teaching; pandemic; pedagogical practices; digital resources; cooperation.

### **RESUMEN:**

En este artículo nos proponemos analizar las diferencias en los enfoques pedagógicos y la necesidad de adaptar las actividades presenciales a las actividades remotas en el ámbito del Centro Universitário Fluminense - Uniflu. Ante las dificultades y desafíos que impone la nueva realidad, con la abrupta llegada del virus Covid-19, las instituciones educativas y los docentes se vieron obligados a adoptar prácticas de aprendizaje a distancia, prácticas de enseñanza remota de emergencia, que difieren mucho de las prácticas de una educación digital adoptado previamente por personas decentes que utilizaban recursos digitales y remotos como parte del proceso de aprendizaje. Además, se propone analizar la necesidad de cooperación entre instituciones y sociedad civil para atraer e involucrar a los estudiantes en los nuevos modelos impuestos.

**Palabras clave:** enseñanza a distancia; pandemia; prácticas pedagógicas; recursos digitales; cooperación

## **1 - INTRODUÇÃO**

O mundo se viu paralisado quando foi assolado pela maior crise sanitária mundial da nossa época, como definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020 (AFP, 2020). A necessidade premente de isolamento social e ao mesmo tempo de manutenção das atividades acadêmico-curriculares, acelerou um processo que parecia inevitável, onde processos digitais fossem incluídos nas práticas pedagógicas. Por determinações sanitárias, o ensino remoto passou a ser o único modo de darmos continuidade aos processos de ensino-aprendizagem anteriormente feitos, em sua totalidade, presencialmente.

Embora não seja consenso a necessidade do professor estar presencialmente em contato com o aluno, atuando com interação física e pessoal — alguns autores afirmam que ela é viável e que o professor tem uma estreita relação com o aluno, ROCA (1998); outros, como ARETIO (1996), citam o fato de que se for efetuada em

rede não difere da presencial; outro autor, como LITWIN (2001), no entanto, é partidária de que ainda é preciso que ela seja reformulada —, o fato é que foi preciso repensar formas de abordagem e de transmissão de conhecimento e conteúdo no modelo totalmente remoto.

No Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) o processo foi simplificado por fatores intramuros, onde já possuímos plataforma cooperativa de acesso contínuo de professores e alunos, recursos tecnológicos para manipulação de salas *online*, e redes sociais oficiais da instituição com grande atividade e repercussão entre o corpo discente, antes da pandemia e ainda maior pós-necessidade de aplicação do ensino remoto, o que auxiliou em muito a divulgação e engajamento do público interno e externo aos eventos acadêmicos, obrigatórios na grade curricular ou mesmo nas ações de extensão.

Sendo um desafio amplo e irrestrito, que atingiu toda sociedade, o intercâmbio de informações e experiência com outras Instituições de Ensino Superior (IES's) foi tão importante quanto natural. A adaptação pedagógica e adequação aos normativos legais criados por imposições pandêmicas foram facilitadas pelo auxílio mútuo dessas instituições.

## **2 – ADAPTAÇÕES CONSTANTES AO SISTEMA REMOTO: FUNDAMENTAIS AO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM REMOTO**

Para Behar (2020, s.p), estamos em um processo temporário e imposto excepcionalmente pela pandemia, sendo denominado Ensino Remoto Emergencial (ERE), “uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro”. A pesquisadora complementa:

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR, 2020, s.p).

No desenvolvimento das atividades remotas, a adaptação foi conjunta. Houve momentos de aprendizado dos recursos tecnológicos e adaptações nas diretrizes administrativas e legais das instituições. Em todos os níveis, inclusive no Ministério da Educação (MEC), que orientou para as atividades não presenciais, os sistemas de ensino. Orientou o MEC:

Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020, p. 9).

As formas de interação do ensino remoto podem ocorrer de várias formas, mas deve sempre ser atenta em como o aluno reage, como está sendo a reciprocidade e o processo de aprendizagem. Dependendo do desenho didático, que deve ser definido previamente, dentro da estratégia educacional, pode-se criar um ambiente mais ou menos favorável a interação. Como dito, é preciso sempre ressaltar que as adaptações pedagógicas foram resultado de uma emergência, de condições sanitárias impostas pela pandemia, e por mais que tenha ocorrido um esforço de planejamento, existem consideráveis limitações, e ainda que as condições ideais ocorressem, e os docentes tivessem plenas condições de produzir um material diverso e bem fundamentado, faltaria o diálogo real, o chamado “olho no olho” e atividades colaborativas, com interação constante.

Vale citar Santos (2020):

Se para nós educação online é fenômeno da cibercultura, devemos investir na linguagem hipermídia. Postar apenas textos em pdf, apresentações de slides lineares, videoaulas e ou pirotecnias descontextualizadas é subutilização do digital em rede e instrucionismo curricular. Precisamos engendrar uma teia complexa de conexões e acionar os estudantes a adentrarem os conteúdos, produzindo colaborativamente conhecimentos nas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Só assim, teremos educação online (SANTOS, 2020, p. 1).

### **3 – A EXPERIÊNCIA DE ENSINO REMOTO E ATIVIDADES EXTRACURRICULARES NO ÂMBITO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FLUMINENSE**

No Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), pela existência de plataforma cooperativa de acesso contínuo de professores e alunos, recursos tecnológicos para

manipulação de salas online, e redes sociais oficiais da instituição com grande atividade e repercussão entre o corpo discente, antes da pandemia e ainda maior pós-necessidade de aplicação do ensino remoto, optamos por desenvolver atividades de extensão, abertas à comunidade, via redes sociais, como uma das formas de envolvimento contínuo dos alunos nas atividades acadêmicas. Para tanto, iniciamos tratativas com IES's do município para, de forma colaborativa, possibilitarmos que os eventos *online* chegassem ao maior número de interessados possível e cumprisse o papel pedagógico com nossos alunos e os alunos de outras instituições.

O modelo se mostrou bem sucedido, não apenas na relação aluno-professor, mas também em cooperação técnica e troca de experiências extramuros. Em exemplo recente, a realização de semana acadêmica, denominada “Semana das Licenciaturas”, recebemos profissionais da educação de várias áreas do conhecimento e de instituições. Neste ano, em 2021, a Semana Acadêmica, na área da pedagogia, com o tema “Que fala cabe à escola em tempos de infâncias perdidas?” abordou assuntos relacionados ao ensino infantil e as relações familiares.

O tema, embora relacionado à educação infantil, abrange temas sensíveis a todos envolvidos na educação em tempos de pandemia. A necessidade de isolamento social impôs fragilidades e acentuou outras pré-existentes que obrigou escola e família adaptarem rotinas e métodos didático-pedagógicos para que os prejuízos causados por uma mudança de sistema abrupta, e imposta por fatores externos fossem atenuados.

É sensível e perceptível nesses tempos que alguns alunos apresentam maiores dificuldades de adaptação, bem como profissionais da educação, que necessitam de mais tempo e treinamento para aplicar conteúdos por meios exclusivamente digitais. Caso fosse uma escolha pedagógica, possível, determinada, planejada e programada, o uso intensivo de recursos tecnológicos e de ensino remoto poderiam ser avaliados e corrigidos em eventuais desvios de rota. Mas, como processo acelerado por motivações de controle sanitário, o ensino remoto exigiu adaptações durante o seu curso, exigindo maior sensibilidade dos educadores para perceber as dificuldades e particularidades de cada um dos seus educandos. Como ensinou FREIRE (1996), aplicável em qualquer realidade de ensino-aprendizagem, o pensar do professor, deve respeitar a dignidade do

educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devendo também pensar, como já salientou o autor, em como ter uma prática educativa respeitosa se realize em lugar de ser negada. Para isto, exigindo do educador uma reflexão crítica permanente sobre sua prática, através da qual fazendo uma auto avaliação do próprio fazer dos educandos.

Ainda segundo o mesmo autor, a práxis deve determinar contínuas adaptações e refazimentos de práticas. Como orienta o renomado educador:

A educação crítica considera os homens como seres em devir, com seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela. [...] o caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade continuada. A educação é, deste modo, continuamente refeita pela práxis. Para ser, deve chegar a ser (FREIRE, 1980, p. 81).

Nessas premissas, e respeitando as fragilidades inevitáveis, e impostas pela imprevisibilidade da pandemia, dos atores envolvidos no processo educacional, mantemos a prática pedagógica, no sentido de permitir a continuidade de conteúdos, mas adaptamos, por imposição da realidade, outras tantas determinações dos processos e meios de transmissão do conhecimento. No âmbito do UNIFLU, entendemos a necessidade de realizar eventos virtuais abertos, simultâneos, colaborativos e interativos, inclusive, com cooperação de outras instituições.

#### **4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pandemia nos impôs novos processos e metodologias acadêmicas e acelerou processos que acreditávamos estar distantes de nossa realidade. Apesar das incompletudes, os profissionais da educação seguem cumprindo seus planejamentos e mantendo as atividades curriculares. Na realidade aqui descrita e vivenciada, a cooperação, intra e extramuros, mesmo os virtuais, foi fundamental para que os padrões de ensino e aprendizagem fossem mantidos.

Os eventos de extensão se mostraram profícuos para manter os processos pedagógicos atrativos aos alunos, e foram aproveitados os procedimentos já iniciados, anteriormente à pandemia, pelo Centro Universitário Fluminense. Embora

ainda estejamos vivendo esses desafios, o esforço dos profissionais da educação vem compensando a precariedade imposta pela crise sanitária.

## REFERÊNCIAS

ARETIO, Lorenzo Garcia. *A nova lei do ensino e do professor*. 1996. Disponível em: <http://www.cciencia.ufrj.br/educnet/EDUEAD.HTM>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BEHAR, Patricia Alejandra. *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 09 jun. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. *O que é Covid-19*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> . Acesso em 10 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação: uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

LITWIN, Edith. *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ROCA, Octavi. *A autoformação e a formação a distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem*. In SANCHO, Juana M. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? *Revista Docência e Cibercultura*, Sessão Notícias. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119> . Acesso em 10 jun. 2021.